

## **MARIA DE TODOS OS RIOS: UMA LEITURA ERÓTICA**

### **MARIA DE TODOS OS RIOS: AN EROTIC LECTURE**

Luis Jorge de Melo Moraes<sup>1</sup>

**Resumo:** Esse trabalho apresenta uma reflexão acerca do erotismo feminino, influenciado pela determinação da busca idealizada do feminismo e do convívio com as diferenças, a partir da obra *Maria de Todos os Rios*, de Benedicto Monteiro. Procurou-se analisar o erotismo dentro das amarras sociais, as quais contribuíram para dificultar a independência da mulher e, acima de tudo, o respeito como pessoa. Ademais, ilustrou-se também a questão do erotismo feminino, extraindo pensamentos de vários autores, como Freud (1920), Alberoni (1986), Beauvoir (1949), Rocha (1998), Maués (2005), dentre outros em referências pertinentes.

**Palavras-chave:** Idealização do feminismo. Erotismo. Igualdade Social.

**Abstract:** This work is an article that presents a reflection concerning the feminine erotism, influenced by the determination of the idealized search of the feminism and the conviviality with the differences in Benedicto Monteiro's *Maria de Todos os Rios*. It was looked to inside analyze the erotism of the social mooring cables, which had contributed to make it difficult the independence of the woman and, above all, the respect as person. It was illustrated question of the feminine erotism, extracting thoughts of some authors as Freud (1920), Alberoni (1986), Beauvoir (1949), Rocha (1998), Maués (2005) as others in pertinent references.

**Keywords:** Feminism. Erotism. Social equality.

#### **Introdução**

Este trabalho tem por objetivo dar continuidade ao Trabalho de Conclusão de Curso – TCC –, intitulado “*Maria de Todos os Rios: Uma Leitura Erótica*” a fim de levar o leitor a uma avaliação acerca da igualdade de sentimentos presentes na obra do autor paraense Benedicto Monteiro. Para isso, toma-se como fio condutor a obra *Maria de Todos os Rios*, narrativa do autor escrita no ano de 1995.

Salienta-se que o texto analisado apresenta uma discussão sobre os valores que independem da condição cultural ou econômica de cada um, mas sim provocar no leitor noções suficientes que ensejem o deslocamento deste diante da leitura, bem como mediante as vivências leitoras possibilitadas a partir da relação com as personagens e com o espaço social hostil e desumanizado presente na obra. Ambos elementos propulsores de uma vera reflexão sobre o crescimento interior do leitor, em que não se fará mais presente as diferenças sociais.

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa – pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA/IDEPA (2007). Especialista em Língua Portuguesa e Análise Literária pela Universidade do Estado do Pará – UEPA. Servidor Técnico Efetivo da Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail: [jorgezap@bol.com.br](mailto:jorgezap@bol.com.br)

Para isso, serão de grande valia à análise os pressupostos teóricos de autores que, de uma forma ou de outra, dialoguem com as noções de erotismo buscadas na leitura ensejada, tais como Freud (1920), Alberoni (1986), Beauvoir (1949), Rocha (1998), Maués (2005), dentre outros.

### 1. O enredado enredo de *Maria de todos os Rios*

Na obra *Maria de Todos os Rios*, de Benedicto Monteiro, conta-se a vida de uma mulher levada, pelas circunstâncias, ao meretrício. O autor, com toda habilidade de exímio romancista, deixa o leitor preso às atitudes da personagem, que manifesta altivez em conduzir os homens graças a sensualidade, mostrando a eles que a capacidade em sentir e transmitir prazer pode realizar-se de ambos os lados.

O romance é narrado por meio de uma pesquisa realizada pela socióloga Dalva. Esta entrevista a personagem Maria sobre o tema da sensualidade. A partir disso, a história tem início com a morte da mãe da personagem Maria, na Vila da Barca, na cidade de Belém do Pará. Após o fato, o irmão a leva para morar em uma casa de mulheres, enquanto viaja a trabalho. Tempos depois, Maria descobre que o irmão havia morrido e o dinheiro que tinha deixado era insuficiente para viver. Desde então, seguindo o conselho da mãe de “jamais ser empregada de branco e nem de preto”, a personagem principal da trama resignou-se a conseguir sustento comercializando seu corpo na casa onde vivia.

São muitos os caminhos que levam à prostituição, e é por esse caminho que a personagem excita o imaginário do leitor, justamente por ser ela mesma quem se revela na relação. Maria, ao entregar-se aos homens, sempre oferece a imagem da mulher disposta a doar prazer e realizar desejos. Tal exemplo pode ser encontrado no trecho:

[...] Mas ele dava um jeito naquele corpo imenso e ainda me beijava em todas as partes. [...]. Depois aquela pele branca, aquela brancura toda cobrindo o meu corpo, colava na minha pele como se fosse minha. E eu sentia a penetração tão íntima e tão intensa como se nós dois estivéssemos nos fundindo. (1995, p.30-31).

Essa sensualidade da personagem Maria remete às teorias sobre sexualidade de Freud, quando este incitou-se pela complexidade que há no comportamento vindo da fusão das pulsões básicas. Freud afirma que “Os instintos sexuais fazem-se notar por sua plasticidade, sua capacidade de alterar suas finalidades, sua capacidade de se substituírem, permitindo uma satisfação instintiva ser substituída por outra, e por sua possibilidade de se submeterem a adiamentos...” (1998, p.122). Baseado nisso, os instintos da personagem Maria seriam então canais através dos quais o erotismo é liberado.

Dalva observa, por meio da entrevista, que por esses caminhos trilhados pela prostituição, Maria passa a transmitir gestos sedutores que vão marcando, no decorrer da história, certa carga erótica, a qual define como sensualidade.

Um ponto interessante que marca a personalidade de Maria é a sede da descoberta, ou o deslumbramento de um mundo fantástico no qual o prazer é liberado. Na verdade, é a descoberta ligada ao erotismo proveniente dos desejos estampados nos rostos dos homens em Curionópolis, Serra Pelada e demais lugares por onde passava. Neles, as retribuições pelos prazeres que prestava poderiam ser simplesmente pagas com a entrega dos seus próprios corpos. Para ela, eles eram objetos de desejos e de prazer. Esse comportamento erotizado da personagem atrai o apetite dos frequentadores do meretrício, fazendo-a adquirir bens materiais como o ouro, terras e demais tipos de propriedades.

Nessa visão erotizada de Maria o pensamento de Simone de Beauvoir, na obra *O Segundo Sexo II* (1949), torna-se lúcido à análise aqui ora empreendida:

É certo que o papel sexual da mulher é em grande parte passivo; viver imediatamente essa situação passiva não é tão masoquista como a atividade do macho é sádica; a mulher pode transcender as carícias, a comoção, a penetração para o seu próprio prazer...; ela pode também procurar a união com o amante e entregar-se-lhe, o que significa uma superação de si e não uma abdicação. (BEUAVOIR, 1949, p.124)

A socióloga Dalva torna-se então apaixonada pelo destino da personagem, cada vez mais fortalecido pela busca do respeito e da igualdade social, que passaram a ser a fonte de inspiração para a acumulação dos bens materiais que acreditava ser o principal meio para a realização do reconhecimento como pessoa na terra. Maria reconhecia que o dinheiro fazia com que as pessoas fossem elevadas a posições sociais de destaque na sociedade. A narração do livro cita por várias vezes como Maria recorre ao pensamento de que todo ser humano, para conquistar um espaço na sociedade, teria que possuir dinheiro,

Aprendi cedo que o dinheiro é que forma o conceito. Agora eu posso até escolher as minhas amigas”. “Assim também é a prostituta e o prostituto. Só permanecem marginais quando permanecem pobres. Aqueles que conseguem dinheiro ou poder passam a ser pessoas respeitáveis e honestas. Não importa que as suas fortunas tenham tido origem no lenocínio, na exploração de mulheres [...]. Quando alcançam o dinheiro ou atingem o poder, ficam igualzinhos aos políticos. Prontos para transmitirem, aos seus filhos e netos, a herança desse dinheiro, desse patrimônio ganho na fraude, na corrupção e na roubalheira. (1995, p. 157-170).

No fim da história, Maria demonstra que, embora passando dificuldades e sofrimentos no ofício de meretriz, conseguiu conquistar certa igualdade de direitos à custa de muitas renúncias e repressões. Afinal, como afirma a socióloga: “tive que engolir sapos”.

## **2. Suporte Teórico**

Para a pesquisa, fora necessário tomar contato com apanhado teórico que discutisse conceitos e teorias inerentes ao erotismo feminino, mais especificamente os concernentes à busca pela igualdade social, assunto mais relevante a ser tratado neste trabalho. A pesquisa bibliográfica, portanto, pretende relacionar e dissecar noções acerca do erotismo feminino e do erotismo masculino, que darão o embasamento necessário para compreender a complexidade dos temas abordados na obra de Benedicto Monteiro.

No que diz respeito ao aporte teórico sobre as relações de poder, encontra-se em Beauvoir (1949) e em Maués (2005) o principal suporte bibliográfico; enquanto que em relação aos aspectos sociais, bem como as relações que perpassam todo meio social, vislumbra-se em Alberoni (1986) e em Freud (1998) autores que jungem ainda aspectos sexuais para a compreensão, não como coadjuvante, de determinadas regras, tabus e modos comportamentais coexistentes na sociedade.

Através dessa literatura pode-se alcançar uma visão mais sensível, e não menos crítica, acerca do erotismo e da necessidade da igualdade entre os sexos, baseando-se na crescente preocupação a respeito das disputas de poder e dos interesses econômicos, posicionando a sociedade dominante como principal agente causador das discriminações sócio-culturais. As fontes teóricas consultadas ressaltam ainda a necessidade da liberdade cultural e social para análise dos impactos sofridos pelas desigualdades sociais que a mulher tem recebido através dos anos.

Tal literatura mostra ainda que o processo de representação da igualdade social e sentimental é uma tarefa que está em constante construção, mesmo que de forma lenta, mas que, de qualquer forma, repercute positivamente neste século.

## **3. A busca idealizada do Feminino: Caminho à Igualdade**

Importa aqui lembrar a utilidade do termo “caminho à igualdade” enquanto categoria de análise que ajuda a estabelecer e compreender o que é natural e cultural na sociedade. Por um lado, trabalhando-se com a ideia de sexo (como nas diferenças biológicas

entre homens e mulheres), dadas, portanto, pela natureza (mulheres passam por gestações); e, por outro, trabalhando-se com o conceito de masculino e feminino enquanto diferenças socialmente construídas, como os papéis sexuais estabelecidos para homens e mulheres (meninos são educados a brincarem de carrinho, a não chorar, serem durões, assumirem seus desejos sexuais e não demonstrarem seus sentimentos, enquanto que as meninas são direcionadas a brincarem com bonecas e ajudarem suas mães nos serviços domésticos, ou seja, serem totalmente opostas às tarefas desempenhadas pelos meninos).

As características que são atribuídas a homens e mulheres podem, assim, ser didaticamente classificadas como naturais e inerentes ao sexo feminino ou masculino (diferenças biológicas) ou como culturais, típicas do sexo feminino ou masculino (diferenças construídas socialmente). Dessa forma, é que se pode entender como a natureza distintiva entre as espécies (macho e fêmea) torna-se muitas vezes argumento falacioso para justificar o tratamento desigual entre os sexos.

Vale dizer que a questão colocada é a de eliminar as desigualdades sociais, e não as diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres. Esse processo de tratamento que a sociedade dispensa a homens e mulheres trazem, muitas vezes, como natural as divergências socialmente construídas, sob a alegação de que decorrem das diferenças biológicas que distinguem cada um dos sexos. E essa diferenciação relacionada entre os sexos, numa determinada sociedade e em um determinado momento histórico, em muitas ocasiões, não guardam qualquer relação com as diferenças culturalmente estabelecidas. Por isso, são muitos os livros de Sociologia que tentam explicar o fenômeno do erotismo e sensualidade feminina e masculina. Um dos autores é o sociólogo Francesco Alberoni, que, por meio da obra *Erotismo* (1986), enfatiza o ponto onde as sensações deveriam ser transmitidas e sentidas por ambos os sexos: “A sedução feminina faz funcionar a excitação erótica no homem, provoca nele o desejo, acende-o como se acende uma tocha. Porém, sua meta última não é o ato sexual. Quer produzir o enamoramento do homem, suscitar nele um desejo que se renova como espasmo, nostalgia, para sempre” (ALBERONI, 1986, p.46).

Assim como a Sociologia, a Literatura também se ocupa desse tema, projetando as causas e efeitos desse fenômeno social. Por meio de romances, contos e poemas, a Literatura trás à tona a imagem do erotismo, dando-lhe voz e mensagens a respeito da necessidade da igualdade entre os sexos perante a sociedade dominante, com a finalidade de tocar o seu interior para a igualdade de sentimentos.

Partindo do princípio da igualdade, que será contemplado na medida em que as diferenças biológicas forem aceitas, sabendo que a igualdade não se sustenta em detrimento

das diferenças naturais, mas sim no seu equacionamento. As diferenças biológicas não devem, portanto, significar desigualdades sociais como afirma o italiano Francesco Alberoni ao descrever que o erotismo não é um estado, mas um processo: “É o resultado dessa descoberta, do jogo da troca de papéis, por meio do qual cada um penetra nas fantasias eróticas do outro, cedendo-lhe as suas. Justamente por isso, porém, é importante deter-se sobre as diferenças, sobre o que cada um dos sexos possui de específico, de peculiar” (ALBERONI, 1986, p.86).

Pensando nisso, escritores, por meio da literatura, fazem projeções e realizações de desejos a serem alcançados. Nela, os personagens podem assumir características incompreensíveis, obedecendo ou não ao paradigma estabelecido pela natureza ou sociedade. A literatura, ao exercer um papel relevante no tocante à feminilidade, desempenha uma função de modelo a ser seguido, ou evitado, com uma frequência inusitada por ser a sexualidade uma energia de comunicação. A maioria dos vínculos entre os seres humanos têm suas origens, direta ou indiretamente, em atrações e encontros de natureza sexual. Ao longo do seu desenvolvimento individual, as pessoas costumam manifestar, umas em relação às outras, interesses eróticos que podem resultar em encontros mais ou menos duradouros. A sexualidade de cada pessoa se estrutura pela interação da dimensão íntima e física com o social, compreendida como vivência com os outros mais próximos e inserção nos padrões culturais mais amplos. Ela por sua variabilidade individual, cultural e social, não pode ser caracterizada através de um padrão universal. Pela sua complexidade, exige diferentes olhares dentro de uma dimensão ética e social.

Portanto, como se sabe a vida é dinâmica, as relações são dinâmicas, e a experiência vai mostrando que essa concepção prevalecente dos papéis dos sexos no mundo não corresponde na maior parte das vezes, ao que é real ou natural, tampouco ao padrão cultural que hoje vai se estabelecendo. Simone de Beauvoir (1949) foi categórica ao afirmar que a masculinidade de hoje é bem diferente da de ontem: é múltipla, sutil e indissolavelmente ligada ao feminino. Contudo, se os sexos pretendem serem reguladores das relações sociais, devem, então, acompanhar essa dinâmica da vida em sociedade, contemplando na lei e nas lutas de mulheres as mudanças de valores, para que não mais seja utilizado como um instrumento de obstáculo às transformações sociais, mas sim de promoção da igualdade entre os sexos.

Estão postos, então, algumas propostas que a dicotomia masculino/feminino coloca para a sociedade dominante: a desconstrução das desigualdades sociais e a construção da igualdade de sentimentos e sensações mais íntimas dos sexos. Desafios para a sociedade e para cada um que representa a nova sociedade em construção. E para que a igualdade social

neste século contemple, de fato e de direito, a masculinidade e a feminilidade no mundo Alberoni (1986) afirma que, para isso, é necessário que no “No momento atual, mulheres e homens buscam o que os iguala, superando as diferenças. Possuem, entretanto, sensibilidades, desejos e fantasias diferentes” (p.28).

#### **4. Busca Idealizada do Feminismo – Caminho à Liberdade.**

Importa aqui lembrar a utilidade do termo igualdade, quanto categoria de análise que ajuda a estabelecer e compreender o que é natural e cultural na sociedade. Por um lado trabalha-se com a idéia de sexo como as diferenças biológicas entre homens e mulheres, dadas, portanto, pela natureza (mulheres passam por gestações). Por outro, trabalha-se com o conceito de masculino e feminino enquanto diferenças socialmente construídas, como os papéis sexuais estabelecidos para homens e mulheres (meninos são educados a brincarem de carrinho, a não chorar, serem durões, assumirem seus desejos sexuais e não demonstrarem seus sentimentos e as meninas são direcionadas a brincar de boneca e ajudar suas mães nos serviços domésticos, ou seja, serem totalmente opostas). As características que são atribuídas a homens e mulheres podem, assim, ser didaticamente classificadas como naturais inerentes ao sexo feminino ou masculino (diferenças biológicas) ou como culturais, típicas do sexo feminino ou masculino (diferenças construídas socialmente). Dessa forma, é que se pode entender como a natureza distintiva entre as espécies (macho e fêmea) torna-se muitas vezes argumento falacioso para justificar o tratamento desigual entre os sexos.

Vale dizer, que a questão colocada é a de eliminar as desigualdades sociais e não as diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres. Esse processo de tratamento que a sociedade dispensa a homens e mulheres trazem, muitas vezes, como natural às divergências socialmente construídas, sob a alegação de que decorrem das diferenças biológicas que distinguem cada um dos sexos. E essa diferenciação relacionada entre os sexos, numa determinada sociedade e em um determinado momento histórico, em muitas ocasiões, não guarda qualquer relação com as diferenças culturalmente estabelecidas. Por isso, são muitos os livros de Sociologia que tentam explicar o fenômeno do erotismo e sensualidade feminina e masculina. Um dos autores é o sociólogo Francesco Alberoni que vem através de sua obra *Erotismo* (1986), enfatizar o ponto onde as sensações deveriam ser transmitidas e sentidas por ambos os sexos:

A sedução feminina faz funcionar a excitação erótica no homem, provoca nele o desejo, acende-o como se acende uma tocha. Porém, sua meta última não é o ato



sexual. Quer produzir o enamoramento do homem, suscitar nele um desejo que se renova como espasmo, nostalgia, para sempre. (ALBERONI, 1986).

Assim como a Sociologia, a Literatura também se ocupa desse tema, projetando as causas e efeitos desse fenômeno social. Por meio de romances, contos e poemas. A Literatura traz à tona a imagem do erotismo, dando-lhe voz e mensagens a respeito da necessidade da igualdade entre os sexos perante a sociedade dominante, com a finalidade de tocar o seu interior para a igualdade de sentimentos.

Partindo do princípio da igualdade, que será contemplado na medida em que as diferenças biológicas forem aceitas, sabendo que a igualdade não se sustenta em detrimento das diferenças naturais, mas sim no seu equacionamento. As diferenças biológicas não devem, portanto, significar desigualdades sociais, como coloca o italiano Francesco Alberoni ao estudar o erotismo, não descrevendo um estado, mas um processo: “É o resultado dessa descoberta, do jogo da troca de papéis, por meio do qual cada um penetra nas fantasias eróticas do outro, cedendo-lhe as suas. Justamente por isso, porém, é importante deter-se sobre as diferenças, sobre o que cada um dos sexos possui de específico, de peculiar”.

Pensando nisso, escritores, por meio da literatura, fazem projeções e realizações de desejos a serem alcançados. Nela os personagens podem assumir características incompreensíveis, obedecendo ou não ao paradigma estabelecido pela natureza ou sociedade. A literatura, ao exercer um papel relevante no tocante à feminilidade, desempenha uma função de modelo a ser seguido, ou evitado, com uma frequência inusitada, por ser a sexualidade uma energia de comunicação. A maioria dos vínculos entre os seres humanos têm suas origens, direta ou indiretamente, em atrações e encontros de natureza sexual. Ao longo do seu desenvolvimento individual, as pessoas costumam manifestar, umas em relação às outras, interesses eróticos que podem resultar em encontros mais ou menos duradouros. A sexualidade de cada pessoa se estrutura pela interação da dimensão íntima e física com o social, compreendida como vivência com os outros mais próximos e inserção nos padrões culturais mais amplos. Este ser, por sua variabilidade individual, cultural e social, não pode ser caracterizada através de um padrão universal. Pela sua complexidade, exige diferentes olhares dentro de uma dimensão ética e social.

Portanto, como se sabe, a vida é dinâmica, as relações são dinâmicas, e a experiência vai mostrando que essa concepção prevalecente dos papéis dos sexos no mundo não corresponde na maior parte das vezes ao que é real ou natural, tampouco ao padrão cultural que hoje vai se estabelecendo. Simone de Beauvoir (1949) foi categórica ao afirmar que a masculinidade de hoje é bem diferente da de ontem: é múltipla, sutil e indissolúvelmente



ligada ao feminino. Contudo, se os sexos pretendem atuar como reguladores das relações sociais, devem, então, acompanhar essa dinâmica da vida em sociedade, contemplando na lei e nas lutas de mulheres as mudanças de valores, para que não mais sejam utilizados como um instrumento de obstáculo às transformações sociais, mas sim de promoção da igualdade.

Estão postas algumas propostas que a dicotomia masculino/feminino coloca para a sociedade dominante: a desconstrução das desigualdades sociais e a construção da igualdade de sentimentos e sensações mais íntimas dos sexos. Estas são desafios para a sociedade e para cada um que a representa e a constrói. E para que a igualdade social neste século contemple, de fato e de direito, a masculinidade e a feminilidade no mundo, Alberoni (1986, p.22) diz que: “Hoje, as mulheres e os homens procuram o que lhes é comum, superando as diferenças”.

### **Considerações Finais**

Após o término deste estudo, pode-se dizer que o questionamento hermenêutico imposto à obra *Maria de Todos os Rios*, de Benedito Monteiro, se impõe como reflexão entre a viagem chocante do cotidiano e a realidade social existente e efetiva. A linguagem e o modo de ser e de agir da personagem são trabalhados com o propósito de dar relevância social àquilo que a mulher almeja conquistar. Exige que se discuta numa postura crítica as temáticas abordadas sobre a mulher, para que as noções e múltiplos sentidos de Erotismo, Liberdade e Igualdade sejam resgatados.

Os segmentos subentendidos e estabelecidos no estudo, com os fatos do passado e do presente, demonstram um redimensionamento dos papéis sociais femininos e masculinos, o que resulta em um oferecimento de condições mais propícias, que parte de uma perspectiva socioeconômica e cultural rumo à expansão do espaço sentimental (e afetivo) da mulher.

Este estudo, que discorra sobre os processos de construção da subjetividade feminina, congrega ainda uma visão, e mesmo tendência, da universalização da dicotomia masculino/feminino. Tentando abrir um caminho possível para superar os limites que as relações discriminatórias dos sexos sustentam, passa-se a trabalhar num quadro que privilegia, de forma sistemática, a configuração variável de posicionalidade discursiva sexual. O sistema sexual deixa de ser visto, portanto, como constituinte de uma esfera autônoma, e passa a ser considerado como uma posição de vida social em geral. É neste sentido que o conceito de sujeito feminino torna-se distinto tanto da ideia de mulher como essência, inerente a todas as mulheres, quanto da noção que define a mulher enquanto ser histórico e gerado das relações sociais.

Nestes casos, ao refletir-se sobre o seu próprio “eu” e o “outro” e, sobretudo, na relação que há entre o “eu” e o “outro”, independentemente de serem de classes sociais, grupos étnicos ou categorias sexuais, observar-se-á que o pensar-sentir a vivência não será confundido com a experiência. Dessa forma, ter-se-á construído uma base sólida, da qual, por meio dela, serão alicerçadas e ultrapassadas as desigualdades sociais e sexuais, criando portanto espaços para liberdade de sentimentos e de relacionamentos.

## Referências

- ALBERONI, Francesco. *O erotismo – Fantasias e realidades do amor e da sedução*. Tradução: Elia Edel. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.
- ÁLVARES, Maria Luzia Miranda, INÁCIO, Maria Ângela. *A Mulher Existe? Uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia*. Belém: GPEM, 1995.
- ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?* Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BLANCO, Lucia Castello. *O que é erotismo*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: vol. 1 - Fatos e mitos*. São Paulo: Nova Fronteira, 1949.
- BUITONI, Dulcília S. *Mulher de papel. A representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Loyola, 1981.
- CANDIDO, Antonio. *Direitos Humanos e Literatura*. In: FESTER, A.C. Ribeiro et al. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CECCARELLI, I (org.). *Diferenças Sexuais*. São Paulo. Escuta, 1999.151-160.
- FREUD, Sigmund. *Além do princípio de prazer*. Trad. Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- FURLANI, Lúcia Maria Teixeira. *Fruto Proibido: um olhar sobre a mulher*. São Paulo: Pioneira, 1992.
- GÓES, Fred, VILLAÇA, Nizia. *Em nome do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- HÉBRARD, Monique, *Mulher e homem: uma aliança de futuro* /Monique Hébrand; [tradução Denise P. Lotito]. São Paulo: Paulinas, 1994
- HIGHWATER, Janake. *Mito e Sexualidade*. São Paulo: Saraiva, 1992.
- LAJOLO, Marisa. *O que é Literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 1997.
- LISPECTOR, Clarice. *Um aprendizado ou O livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- MAUÉS, Sheila. *A Construção do Feminino em Maria de Todos os Rios de Benedicto Monteiro*. In: MOARA, 2005, p.102-118.
- MONTEIRO, Benedicto. *Maria de Todos os Rios*. 2 ed. Belém: CEJUP, 1995.
- ROCHA, Silvia. *Revista de Psicologia Catharsis*. n°. 41.
- VAINFAS, Ronaldo. *História e Sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Brasília: Ed.Universidade de Brasília, 1981.
- WILLIS, David. *Novos Rumos da Psicologia, Freud*. Uberaba: Bertrand Brasil, 1986.
- [www.ideas.live.com/programpage](http://www.ideas.live.com/programpage) Acessado em 10/10/2014
- [www.verdevagomundo.com.br](http://www.verdevagomundo.com.br) Acessado em 10/10/2014
- [www.revistapsicologia.com.br/revista41/index.ht](http://www.revistapsicologia.com.br/revista41/index.ht) Acessado em 10/10/2014

**Recebido em: 14.10.2015**  
**Aceito para publicação em: 25.11.2015**